

TECNOLOGIA E INFÂNCIA: IMPACTOS DO USO EXACERBADO DE TELAS EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA - UMA REVISÃO DE LITERATURA

Rebeca Paulo Ramos Rodrigues

Graduanda em Psicologia. UNINASSAU. Fortaleza– CE, Brasil. E-mail:

rebecapsico03@gmail.com

Antonio Gabriel dos Santos Sobrinho

Graduando em Psicologia. Centro Universitário Ari de Sá (UniAri), Fortaleza– CE, Brasil. E-

mail: gsobrinho559@gmail.com

André Luís Gomes de Sousa

Graduando em Psicologia. UNINASSAU. Fortaleza-CE, Brasil. E-mail:

andregomes.academico@gmail.com

Maria do Socorro do Valle

Psicóloga e preceptora no HSM. Mestre em Psicologia, Especialista em Neuropsicologia e Psicologia da Saúde com ênfase em Saúde mental. Email: socorrodovalle@yahoo.com.br

Resumo

O presente artigo versa sobre a tecnologia e infância: impactos do uso exacerbado de telas em crianças com transtorno do espectro autista. Trata-se de uma revisão da literatura, levando em consideração as crianças e adolescentes com autismo atendidos pelo serviço de Psicologia, sob a ótica dos autores graduandos do curso de Psicologia da Faculdade UNINASSAU e UniAri, e da psicóloga, preceptora do serviço de Psicologia e **das** vivências das mães atípicas, atendidas no Núcleo da Infância e Adolescência (NAIA), do Hospital de Saúde Mental Professor Frota Pinto (HSM), em Fortaleza-CE. Além de analisar de forma crítica os impactos do uso excessivo de telas em crianças, com especial atenção às especificidades do desenvolvimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Buscou-se lançar luz sobre os atravessamentos diários dos usos de telas para as crianças e adolescentes em fase de desenvolvimento. Além disso, pretende-se fomentar reflexões acerca do papel dos adultos, pais, cuidadores e educadores, na mediação do uso de telas, investigando como seus próprios hábitos digitais e estratégias de orientação influenciam diretamente a rotina e o desenvolvimento infantil.

Palavras Chave: Infâncias; Autismo; uso excessivo de telas; neurodesenvolvimento

1. Introdução

A expansão das tecnologias digitais, especialmente de dispositivos como celulares, tablets e computadores, transformou significativamente as formas de interação social, aprendizagem e lazer desde a primeira infância (TIVERON, KASPARY, CAROLINA, 2024). Embora tais recursos possam contribuir positivamente para o desenvolvimento, quando utilizados de maneira planejada e mediada por adultos, observa-se, cada vez mais, um uso exacerbado de telas, situação que tem despertado preocupações quanto aos seus impactos no desenvolvimento infantil (NOBRE et al., 2021). No caso das crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA),

esse cenário demanda atenção especial. O TEA caracteriza-se por alterações na comunicação, na interação social e por padrões de comportamento restritivos e repetitivos (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2023), aspectos que podem ser potencialmente agravados pelo uso excessivo de tecnologias digitais sem acompanhamento adequado. Por outro lado, quando mediadas, as telas também podem ser utilizadas como instrumentos de aprendizagem, de estimulação e até de comunicação alternativa, o que reforça a importância de compreender seus limites e possibilidades. No século 21, diante da influência e presença da tecnologia e do aumento do uso de telas, especialmente durante e no período pós-pandemia da COVID-19, o impacto desse novo contexto no desenvolvimento infantil se tornou uma preocupação central. A pandemia acelerou essa migração para o uso intensivo de dispositivos digitais, alterando significativamente a forma como crianças e adolescentes vivenciam a juventude, ocupam seu tempo livre e se relacionam socialmente (VIEIRA, 2025). A dependência e o vício em telas afetam o cotidiano de muitas famílias, representando perigos para o desenvolvimento social, econômico e cultural das crianças. Essa situação pode, inclusive, agravar o isolamento social e os problemas de comunicação em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), uma vez que "o tempo excessivo de tela pode levar a um aumento nos sintomas do TEA, incluindo isolamento social e dificuldades de comunicação" (DILSHAD et al., 2025, p. 4190). A constante exposição a estímulos rápidos e gratificantes das telas pode comprometer a atenção.

2. Objetivos

O objetivo central desta pesquisa é analisar de forma crítica os impactos do uso excessivo de telas em crianças, com especial atenção às especificidades do desenvolvimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Busca-se compreender de que maneira a exposição prolongada a dispositivos digitais pode influenciar aspectos cognitivos, emocionais, sociais e comportamentais, considerando tanto potenciais benefícios quanto riscos associados. Além disso, pretende-se fomentar reflexões acerca do papel dos adultos, pais, cuidadores e educadores, na mediação do uso de telas, investigando como seus próprios hábitos digitais e estratégias de orientação influenciam diretamente a rotina e o desenvolvimento infantil. Nesse sentido, a pesquisa também propõe discutir o impacto do ambiente familiar na construção de hábitos de consumo tecnológico, considerando a necessidade de equilíbrio entre o acesso às ferramentas digitais e a promoção de experiências presenciais que favoreçam vínculos afetivos, aprendizagens significativas e o bem-estar da criança.

3. Metodologia

O presente estudo foi desenvolvido a partir de uma revisão de literatura, método que consiste na análise, síntese e discussão crítica de produções científicas já publicadas sobre determinado

tema. Esse tipo de revisão tem como objetivo identificar o estado atual do conhecimento, destacar avanços teóricos e práticos, bem como apontar lacunas existentes na área de investigação (BISPO, 2023). A revisão de literatura busca reunir e articular as principais contribuições disponíveis, oferecendo uma visão abrangente e fundamentada do objeto de estudo. No processo de levantamento bibliográfico, foram consultadas bases de dados científicas reconhecidas, tais como SciELO, PePSIC, PubMed e Google Scholar, utilizando descritores como “uso de telas”, “crianças”, “desenvolvimento infantil” e “Transtorno do Espectro Autista (TEA)”. No entanto, constatou-se uma escassez de artigos que tratassem diretamente da relação entre uso excessivo de telas e crianças com TEA, o que representa uma limitação relevante para a pesquisa. Essa dificuldade evidenciou a necessidade de ampliar o escopo da busca, incluindo estudos sobre o impacto das telas em crianças de forma geral, e posteriormente relacionando os achados às especificidades do TEA. Assim, a revisão não apenas sistematiza o que já foi produzido sobre o tema, mas também chama atenção para a carência de investigações mais direcionadas, contribuindo para o debate científico e para a reflexão sobre a relevância de futuras pesquisas nessa área.

4. Resultados e discussão

A revisão da literatura revelou que o uso excessivo de telas na infância tem sido associado a impactos significativos no desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. Diversos estudos destacam que a exposição prolongada a dispositivos digitais pode comprometer aspectos como a atenção sustentada, a qualidade do sono, a capacidade de autorregulação emocional e as interações sociais presenciais, fundamentais no processo de aprendizagem e formação de vínculos (BRITO; ALENCAR; LEITE, 2025). Em crianças com desenvolvimento típico, tais efeitos já se mostram preocupantes; entretanto, quando se trata de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), os riscos parecem ainda mais relevantes, dada a vulnerabilidade dessa população em relação a aspectos da comunicação, da linguagem e da interação social. Na infância, a exposição excessiva às telas pode comprometer a estimulação adequada para o desenvolvimento global da criança e, em longo prazo, aumentar o risco de prejuízos ao funcionamento cerebral. A busca por recompensas imediatas, proporcionadas pelo uso de dispositivos eletrônicos, favorece a repetição desse comportamento e pode desencadear quadros de dependência tecnológica (PRADO; OLIVEIRA, 2025). Além disso, observam-se consequências como dificuldades relacionadas ao sono, déficits nas habilidades sociais, maior propensão à irritabilidade e comportamentos agressivos. Soma-se a esses aspectos o risco de contato precoce com conteúdos inadequados, para os quais a criança ainda não possui maturidade emocional suficiente para compreender e elaborar. O uso excessivo de telas na

infância causa também um impacto negativo ao sobrecarregar o sistema de dopamina. Essa superestimulação gera uma “busca constante por recompensas imediatas”, o que compromete o desenvolvimento cognitivo, emocional e social, além de dificultar a capacidade de lidar com a frustração (BEAR; CONNORS; PARADISO, 2017). O uso de telas, especialmente por meio de vídeos curtos nas redes sociais, intensifica a atenção reflexa e inibe o desenvolvimento da atenção voluntária, que é crucial para o aprendizado duradouro. Dessa forma, o vício em telas mina a capacidade de concentração e o processo de aprendizagem, causando prejuízos na socialização e tornando-se um problema de saúde pública. Este trabalho também explora a relevância da atenção no processo de aprendizagem e os efeitos da tecnologia nesse contexto. A atenção se manifesta de duas maneiras: a atenção reflexa, que é automática e involuntária, e a atenção voluntária, que é um processo consciente e crucial para o aprendizado significativo. A transição da atenção reflexa para a voluntária é fundamental para a consolidação do conhecimento, exigindo que o conteúdo seja relevante e envolvente para o aluno (COSENZA; GUERRA, 2009). Apesar dos riscos, os resultados também apontam que, em alguns contextos, o uso de tecnologias digitais pode ser benéfico, desde que mediado adequadamente (LIMA et al., 2023). Ferramentas digitais interativas, aplicativos educacionais e recursos de comunicação alternativa podem favorecer a aprendizagem e a expressão de crianças com TEA, funcionando como aliados no processo terapêutico e pedagógico. Contudo, quando não há mediação adulta ou quando a utilização das telas ocorre de forma desregulada, prevalecem os efeitos negativos, como isolamento social, dificuldade no manejo de frustrações e prejuízos na aquisição de habilidades socioemocionais. Por fim, a análise dos artigos revelou uma lacuna importante no campo científico: ainda são escassos os estudos que investigam especificamente os impactos do uso excessivo de telas em crianças com TEA. Grande parte das pesquisas aborda o tema de maneira geral, sem detalhar as particularidades dessa população. Essa ausência de produções mais específicas reforça a importância de fomentar investigações direcionadas, que possam orientar intervenções mais efetivas e contribuir para o manejo adequado da tecnologia no cotidiano dessas crianças e de suas famílias.

5. Conclusão

A partir da presente discussão, evidencia-se a imprescindibilidade de assegurar às crianças a construção de vínculos afetivos consistentes, a disponibilização de ambientes que promovam a liberdade de movimento, a vivência de brincadeiras espontâneas e o acesso a brinquedos e materiais pedagógicos que favoreçam a aprendizagem, entre outros fatores fundamentais ao desenvolvimento integral (NOBRE et al., 2021). Tais práticas contrastam com o uso excessivo de telas, na medida em que priorizam experiências promotoras de um desenvolvimento mais

saudável. Os achados desta pesquisa reforçam que, embora a tecnologia possa oferecer benefícios quando utilizada de forma planejada e mediada por adultos, seu uso indiscriminado representa riscos consideráveis ao desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças, especialmente daquelas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A dependência tecnológica, a dificuldade de socialização, a superestimulação dopaminérgica e os prejuízos na atenção voluntária configuram desafios que exigem atenção de famílias, educadores e profissionais da saúde. Nesse sentido, torna-se urgente promover uma reflexão crítica acerca da relação entre infância e tecnologia, incentivando práticas educativas e familiares que favoreçam o equilíbrio entre os recursos digitais e as experiências presenciais. Além disso, a escassez de estudos que investiguem especificamente os efeitos do uso de telas em crianças com TEA evidencia a necessidade de novas pesquisas voltadas a essa população, a fim de subsidiar intervenções mais eficazes e contextualizadas. Assim, conclui-se que a mediação consciente e a valorização de experiências reais devem constituir pilares essenciais para o desenvolvimento pleno e saudável das crianças na sociedade contemporânea.

6. Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR. 5. ed., texto revisado. Porto Alegre: Artmed, 2023.

BEAR, Mark F.; CONNORS, B. W.; PARADISO, M. A. **Neurociências: desvendando o sistema nervoso.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2017. 1016 p. ISBN 9788582714331.

BISPO, Maria de S. Um olhar crítico sobre a prática de revisão de literatura. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 27, n. 6, p. e230264, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2023230264.por>. Acesso em: 27 ago. 2025.

BRITO, Silvana M. N.; ALENCAR, L. B. S.; LEITE, C. Impactos do uso excessivo de telas em crianças e adolescentes: consequências psicossociais e psicomotoras a longo prazo. **Amazônia Science and Health**, v. 13, n. 1, p. 52–65, 2025. Disponível em: <https://10.18606/2318-1419/amazonia.sci.health.v13n1p52-65>. Acesso em: 27 ago. 2025.

COSENZA, Ramon M.; GUERRA, L. B. **Neurociência e educação: como o cérebro da criança funciona.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

LIMA, Juliana B. et al. As principais implicações neuropsicológicas do uso excessivo de telas na infância: uma revisão sistemática. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 6, n. 5, p. 23029-23044, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.34119/bjhrv6n5-324>. Acesso em: 27 ago. 2025.

NOBRE, José N. P. et al. Fatores determinantes no tempo de tela de crianças na primeira infância. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 3, p. 1127–1136, mar. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021263.00602019>. Acesso em: 25 ago. 2025.

PRADO, Gabriela D. S. F.; OLIVEIRA, M. A. L. Os impactos do uso excessivo de telas no desenvolvimento infantil de 3 a 6 anos. **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, v. 8, p. 1-18, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.61164/rnm.v8i1.3893>. Acesso em: 27 ago. 2025.

TIVERON, Eduardo M.; KASPARY, B.; CAROLINA, A. Uso excessivo de telas na infância e seus prejuízos. **Research, Society and Development**, v. 13, n. 11, p. e05131147225-e05131147225, 1 nov. 2024. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v13i11.47225>. Acesso em: 25 ago. 2025.

VIEIRA, Daniela A. **O impacto do uso de telas na saúde mental das crianças e adolescentes nos últimos 10 anos**. 2025. 65 f. Tese (Doutorado em Saúde Mental) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025.